

O TURISMO E O SEU ENQUADRAMENTO FÍSICO: A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E CULTURAL E O ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

O período de esplendor da hotelaria situa-se no princípio do século XX. Não é sem razão que se cultiva a memória nostálgica da poética ambiental que se respirava nos grandes Palaces.

Nas últimas décadas, a hotelaria transformou-se numa indústria de escala, integrada num fenómeno social de massas que é o turismo.

Dos antigos hotéis poucos sobreviveram, em Portugal resta-nos o Palace do Buçaco, o Hotel de Seteais e, outros como o Grande Hotel da Curia, não conseguiram ainda uma eficiente adaptação e, muitos, simplesmente desapareceram como o Avis.

Salvaguardada esta perspectiva histórica não podemos deixar de reconhecer o progresso registado no conforto que está hoje ao alcance dos mais modestos hotéis. A evolução nas técnicas de construção civil, principalmente no sector das infraestruturas e telecomunicações e serviços de higiene, revolucionou o equipamento hoteleiro. A Administração Pública passou também a intervir com normativas e classificações que impõem padrões mínimos de qualidade, para as instalações e programa de serviços prestados.

Esta padronização evidentemente que não envolve a expressão arquitectónica, a qual tem a liberdade necessária a todo o trabalho criativo. Aqui, a universidade é a da arte moderna que se afirma contra os gostos acomodados a preconceitos feitos regras e desenvolve-se como exigência cultural e tem hoje uma indiscutível dimensão universal.

Na evolução do sector hoteleiro observamos fenómenos de concentração financeira através da formação de grandes cadeias; difusão de técnicas de gestão e de operação dos serviços através de escolas especializadas. Contudo, o peso absoluto das cadeias, no conjunto dos estabelecimentos hoteleiros, é muito pequena, sendo mais significativa na percentagem de número de quartos.

Outra componente importante da evolução de indústria hoteleira é a sua diversificação e especialização. O turismo apresenta uma crescente diversidade de actividades que vai desde os negócios, a saúde, os congressos profissionais, as actividades culturais, o desporto, etc. A hotelaria é assim desafiada a tomar uma posição de oferta dinâmica, cobrindo um leque cada vez mais alargado de serviços para captar clientelas específicas.

O turismo demarca categorias hoteleiras que estruturam um sector importante da economia e beneficia de crescentes vantagens em financiamentos e isenções fiscais. As tipologias do equipamento turístico hoteleiro diversificam-se e surgem novos modelos muito diferentes da hotelaria tradicional.

Este quadro de transformações, pautadas por uma informação técnica e administrativa universal, não impede que se valorizem as diferenças decorrentes dos costumes, das componentes culturais locais e se respeitem características peculiares dos sítios onde se constroem os empreendimentos.

Um empreendimento de recreio e turismo não pode ser avaliado com o pressuposto de que há uma paisagem "natural" que vai ser sacrificada ou, de algum modo, empobrecida. Esta visão pessimista e apocalíptica ignora que Sintra, com o Parque da Pena, Monserrate, é artificial assim como o Parque do Buçaco.

A degradação que afecta o litoral, o empobrecimento da paisagem urbana devido às urbanizações dos últimos 30 anos, não tem remédio nos farisaicos discursos alarmistas de sabor ecologista. A questão centra-se na capacidade e vontade de se definir uma política de solos e implementá-la através de um coerente processo de planeamento territorial. Depois conta também a educação e ambição dos investidores e dos arquitectos.

A credibilidade do processo de planeamento depende da capacidade dos políticos e dos urbanistas para equacionarem e viabilizarem o desenvolvimento social. O Planeamento falha quando é informado por interpretações ingénuas sobre o estado real dos usos, ignora o suporte económico das actividades, despreza as intenções dos diversos agentes públicos e privados que, concretamente, ao actuarem sobre um determinado território se reduzem à defesa ingénuo de uma imaginária natureza perdida.

A questão chave do ordenamento territorial, para o sector turístico, coloca-se na necessidade de serem identificados, delimitados e programados os pólos de desenvolvimento turístico assinalando os terrenos destinados a esse uso exclusivo. Ao mesmo tempo é fundamental criar condições para que os empresários, que querem investir, possam ter acesso aos terrenos a preços aceitáveis.

A grande ameaça que pesa sobre as zonas agrícolas, florestais e zonas únicas do país é a de que todos os seus proprietários sonham em urbanizá-las, cobri-las de aldeamentos turísticos, hotéis, restaurantes complementados com campos de ténis, piscinas e campos

de golfe. O desordenamento começa nas expectativas que se alimentam na imaginação dos proprietários.

O planeamento pela positiva exige que se desenganem uns e que se motivem todos para explorar os recursos territoriais, de acordo com princípios racionalmente aceites e leis que se respeitem.

A dispersão aleatória dos equipamentos turísticos pelo país, o comprometimento do litoral e de outras zonas únicas com empreendimentos localizados pelo acaso das oportunidades de um mercado de solos descontrolado, é contrária aos interesses dos empresários do sector hoteleiro. Um empreendimento depende também da qualidade e da escala do conjunto da zona ou pólo turístico em que está integrado. A planificação integrada das regiões vocacionadas para o turismo é o espaço que permite a reflexão sobre a defesa do seu património cultural sobre a difusão de uma imagem atractiva que captive a atenção da procura nos mercados internacionais.

A defesa da caracterização de um local não se faz só pela preservação dos seus valores, podemos enriquecer o património e valorizar os sítios com obras de mérito arquitectónico e paisagístico.

Uma saudável indústria turística alicerça-se nos valores das instâncias de recreio, na atracção cultural das cidades. Contudo, não será descabido interrogarmos até que ponto o stress e o congestionamento da vida urbana estão a alimentar um turismo forçado. Haverá assim uma parte crescente da população condenada a viver mal na cidade e a sofrer desilusões com umas férias frustradas.

Uma sociedade urbana saudável produz e consome um turismo de qualidade. A sofisticação do gosto, a erudição dos conceitos, o mérito das obras são sempre o resultado de trabalho colectivo bem sucedido e de economias prósperas, servidas por processos de gestão equilibrados e sérios. Por isso o turismo não tem que, fatalmente, nivelar as diferenças, descaracterizar as culturas, destruir as referências, enfim, homogeneizar os espaços. Os maiores centros turísticos continuam a ser Roma, Paris, Berlim, Nova York. A cidade com todos os seus defeitos tem potencialidades extraordinárias e continua a ser o motor da civilização. A diferença entendida como rasgo de originalidade, movimento inovador, expressão criativa em resposta a interrogações e necessidades do homem, são virtudes urbanas. Reconheçamos que o ruralismo é um anacrónico e penoso estado de subdesenvolvimento. Todos os espaços tendem a estar na dependência de centros de decisão urbanos.

A agricultura, as florestas, as áreas classificadas de parques e reservas são ordenados e geridos de acordo com os critérios culturais urbanos. Portanto, a diferença não está tanto na herança do passado mas, fundamentalmente, na ambição e no mérito de a produzir, defender e validar no presente.

Professor Doutor Sidónio Pardal